

L. 6, 28

VOTO,

QUE

O MARQUEZ DE VALENC, A

recitou na Academia ,

PELO QUAL MOSTRA SE DEVEM
admittir a ella os Estrangeiros.

L. 1688 ± V.



LISBOA OCCIDENTAL.

Na Officina de MIGUEL RODRIGUES,
Impressor do Eminent. Senhor Card. Patriarc.
M. DCC. XXXVIII.

Com todas as licenças necessarias.

VOTO

QUE

COMARQUEZ DE VALENCIA

recohen na Academia

PELO QUAL MOSTRA SE DE VEM

admittir a ella os Estrangeiros



LISBOA OCCIDENTAL

No Officio de MIGUEL RODRIGUES

Impressor da Real Academia de Sciencias e Artes

M. DCC. XXXVIII

Com toada a licençia necessaria



S A P I E N T I S S I M O S
A C A D E M I C O S .



Aõ me supponhais taõ ignorante , ou tirame logo deste lugar , pois naõ concorda bem a ignorancia com a censura , que exercito , que naõ saiba o que dizem Poetas , Ora- dores , e Filozofos do silencio . No paganif- mo eraõ invocados Harpocrates entre os Gregos , e An- gerona entre os Romanos , como fautores do silencio . He- liodo descobrio o mayor thesouro na moderaçaõ da lin- gua , e a virtude do silencio seguroo o premio a Augusto Cesar : *Silentii tutum premium* ; e seu favorecido Ho- racio : *Est & fidei tuta silentio merces* . O infensato , diz Salamaõ , se se calar , serã avaliado por sabio , e se fechar a sua boca , por entendido , ou intelligente . Em fim a natu- reza deo-nos dous ouvidos para ouvirmos muito , e huma só boca para fallarmos pouco . E sendo isto a mesma ver- dade , que serã nos Palacios , aonde tudo o que em outra parte he arriscado , alli he mais perigoso por culpa dos Palacianos , e naõ dos Monarcas , ainda sem fallar nos nossos , que saõ pays mais que Senhores , devendose ap- plicar a todos os Reys de Portugal , e muy principal- mente ao Senhor Rey D. Joaõ o V. o que só mereceo ouvir hum Imperador Romano da boca do mayor pa- negyrista . Elle se reputa como qualquer de nós , e nisso

mais avulta, e se engrandece, porque se iguala com-nosco, nem se lembra menos de que he homem, que de que impera nos homens. Vede-o nestas conferencias, e conhecereis, se esta applicação foy dictada pelo agradecimento, ou pela lisonja.

Naõ obstante este conhecimento do bem do silencio, e do mal dos Palacios, determino declamar hoje contra huma das nossas leys, ou costume, que tambem faz ley, e estou certo que se me fouver explicar, vos naõ haveis de arrepender da liberdade, que me destes, elegendome por vosso Censor. E porque naõ he licito derogar leys, nem instituillas, introduzir novidades, nem desterrar costumes, sem que se explore, e implore primeiro a vontade, e gosto do nosso Augusto Principe, por isso escolhi o dia de hoje para tratar esta materia mais grave do que vos parecerá antes de me ouvirdes, e naõ quiz que o nosso real, e benevolo Protector fosse informado por outrem, senaõ por mim, para me aproveitar daquella felicidade, que considerou Plinio na presença dos soberanos. Ditosos aquelles, cuja verdade, e industria eraõ testimunhadas naõ por mensageiros, e interpretes, mas por vós mesmo, nem pelos vossos ouvidos, mas pelos vossos olhos.

He a ley, ou costume observado, contra o qual venho argumentar, que os estrangeiros naõ possaõ ser nossos collegas. Assim como as almas naõ tem sexo, assim os sabios naõ tem patria, nem nação determinada. Por isso Socrates perguntado de que terra era natural, respondeo que de todo o mundo. Toda a terra he patria para o homem forte. E quem he este homem forte? Será Hercules, que engatinhou por triunfos, como disse o segundo Vieyra? Será Theseo glorioso cõpetidor de Hercules nos seus doze trabalhos? Será Jafon o Vasco da Gama da antiguidade? Seraõ Ulysses, Achilles, Heytor, e Eneas, hús sitiadores, outros sitiados por espaço de dez annos na guerra de Troya?

5

Troya? Não por certo. He o fabio. He hum Cleobulo en-
finando que a melhor de todas as cousas he o modo. He
hum Chilon persuadindo que cada hum procure conhe-
cerse. He hum Periandro aconselhando que se refreya a
ira. He hum Pythaco mandádo que se evite a nimiedade.
He hum Solon obrigando a que se olhe sempre para o
fim. He hum Bias encarecendo a multidaõ dos males. He
hum Thales recommendando que ninguem se offereça
por fiador. Bem sabeis a opiniaõ de que os sabios se
amaõ entre si sem se conhecerem: bem sabeis o que dif-
fe Cicero no tratado de Officiis, que nenhum género de
sociedade he mais excellente, e mais firme, que aquella,
por meyo da qual os homens virtuosos se amaõ mutua-
mente pela semelhança dos costumes. Pois se o genero-
so he amigo do liberal, o pio do devoto, o animoso do
valente, porque symbolizaõ nas paixoes, o fabio co-
mo não he amigo do fabio?

Eu vi nesta Academia ao mesmo tempo quatro so-
cios laureados com o titulo de Arcades. Dor intoleravel
me custa repetir os dous, mas a repetiçaõ de hum não
fó deixará a dor aliviada, mas esquecida, porque, a sua
presença he tal, que póde curar estas feridas, e gastar es-
tas cicatrizes. Este, que me alivia a minha, e nossa dor,
he o Excellentissimo Senhor Conde da Ericeira, Prote-
ctor de todos os sabios, que era razaõ que houesse ou-
tro Mecenas em tempo de outro Augusto: aquelles, de
quem me lembro com tanta faudade, foraõ o Excellen-
tissimo Senhor Marquez de Abrantes, o Senhor D. Ma-
noel Caetano de Souza, e o Senhor Francisco Leitaõ
Ferreira. Mas ainda não vi que ou por agradecimento
desta graça, ou por urbanidade taõ natural da nossa na-
çaõ, ou pelo interesse do commercio das boas letras, ou
por evitar a singularidade taõ aborrecida dos Filosofos,
ou por respeitar a hospitalidade taõ recõmendada pelos
legisladores, os nossos Academicos aggregassem á sua so-

cidade algum estrangeiro dos muitos, que ha na Europa, e no nosso Reyno, e dominios com nome, e fama de sabios. Ora ouvime com indifferença que poderá ser que acheis razãõ, e força nos meus argumentos.

Os estrangeiros ou nos aggregaõ ás suas Academias por entenderem que nos honraõ, ou por julgarem que se honraõ com a nossa companhia: se porque nos honraõ, porque havemos nós ser menos altivos do que elles? Se porque se honraõ, porque havemos de ser mais soberbos com elles? Este dilema não tem resposta, nem o que se segue. Ou elles nos fazem beneficio, ou injuria nesta sociedade? Se beneficio, como somos ingratos? Se injuria, como somos sofridos, passando do sofrimento á estimação da mesma injuria? A ingratitude he tal vicio, que chegou a dizer Seneca que até os ingratos se queixaõ dos ingratos. A tolerancia das injurias he tão alheya dos Portuguezes, como he propria delles a cõstancia nos maiores trabalhos. Logo Senhores, como se pratica huma exclusãõ tão odiosa, que ou nos sujeita a hum delito dos mais feyos, ou nos priva de hum attributo dos mais illustres? Diz o mayor Anatomico do coração humano Seneca, que he torpe cousa ser vencido nos beneficios, e Cicero no tratado, que já alleguey, que sempre o que retribue de mais que o q̃ recebeo, á imitação dos campos, que são ferteis, que produzem mais do que receberaõ, e tambem porque se não duvidamos fazer beneficios áquelles, de quem esperamos alguma graça, quanto mais os devemos empregar naquelles, de quem já recebemos algum favor? Mas quando este não fora o mais util, e prudente conselho, bastava o glorioso costume da nossa nação para se abolir esta ley. Onde está aquella generosidade, que exercitamos os Portuguezes em todas as Cortes de Europa, de que nos resulta fermos tidos nellas pelos vassallos mais ricos, e dos Reys mais sumptuosos, e liberaes? Oh não desmereçamos agora por hu-

ma acção considerada o que merecemos com tantas repentinas em todos os seculos. Prezemonos de que somos vassallos de hum Monarca taõ magnifico, que se lhe póde accõmodar sem nota de adulação o que disse o nosso Camoens da grandeza de hum seu antecessor.

Eis depois vem Dinis, que bem parece
Do bravo Affonso estirpe nobre, e dina,
Com quem a fama grande se escurece
Da liberalidade Alexandrina

Confessovos que tomara saber o mysterio desta ley, e o fim, a que ella se dirige, porque se me representa que senão achará semelhante prohibiçaõ nas que fizeraõ Mynos em Creta, Licurgo em Lacedemonia, Solon em Athenas, e Numa Pompilio em Roma. Perdoaime que vos diga que esta ley não he daquellas, com que se honravaõ os seus inventores, tomando ellas o nome delles, como a ley Cesarea de Cesar, a ley Pompeiana de Pompeio, e a ley Augusta de Augusto. Mas dado q̃ esta ley fosse bem instituida, as mesmas leys fundamentaes costumãõ dispenfarse, porque os casos saõ mais que as leys, como diz o proverbio. Mandou Solon que as suas senãõ executassem mais que por tempo de cem annos, e Plataõ que de dez em dez annos se emendassem as suas leys. As Imperiaes não obrigaõ a que se observem, senãõ só no que respeitaõ á boa razaõ.

E parecevos Senhores que he boa razaõ receber hum beneficio, e não o pagar, não se podendo imputar a falta de satisfacaõ á fortuna, senãõ á vòntade do devedor? Quanto mais que esta casta de beneficio não tem equivalente como outros. A dadiva de hum cavallo, mas que seja como o Bucefalo de Alexandre, ou o Babieca do Cid, o presente de humas armas, mas que sejaõ como as de Achilles, ou como a espada de Perseo, o mimo de huma joya, ou pintura, mas que sejaõ como os brincos de Cleopatra, ou como a Venus de Apelles, podem-se

correspóder com outra dadiva preciosa, e singular: o lugar da sabedoria não se póde agradecer, senão com outro semelhante. Que quereis dar aos sabios, que dominão as estrellas? A dictadura dos Romanos? Elles só desejaõ governarse a si. O dom, que Baccho concedeo a Midas? Elles desprezaõ as riquezas. O anel, que venturosamente achou Gyges? Elles vivem para exemplo de todos. O Caduceo de Mercurio offerecido por Apollo? Elles entre si não tem discordias. Não tendes logo meus Collegas outro modo de retribuição, e agradecimento, outro genero de grandeza, e urbanidade, que admittirdes os sabios na vossa Academia.

Mas se o que tenho dito, não basta para vos convencer, ou ao menos para vos inclinar, ouvi os ultimos esforços da minha persuasão. Se fiamos de estrangeiros os nossos exercitos, praças, e projectos de guerra, e paz, como não fiamos dos mesmos os nossos archivros, os nossos Museos, as nossas conferencias, as nossas livrarias, e as nossas Academias? Se os desejamos por companheiros como alumnos de Pallas, como os não queremos por focios como discipulos de Minerva? Não nos está mal que assim como nos acompanhaõ nos empregos de Marte, nos assistaõ nos exercicios de Apollo, e que vejaõ que os nossos tres dedos com a penna saõ tanto para temer, como toda a mão com a espada. Estrangeiros eraõ, e não Romanos, Numa, e Tarquinio, e foraõ escolhidos para Reys. Estrangeiros eraõ, e não Romanos, Nerva, e Trajano, e foraõ eleitos Imperadores. Estrangeiros eraõ, e não Romanos, Seneca, Plutarcho, Lucano, e Quintilianõ, e hum foy mestre de Nero, ainda que este Principe necessitava mais de naire, que de mestre, porque era mais fera do que homem, e os mais premiados com lugares honorificos, sem que lhes embaraçasse taõ grandes honras a natureza de dous tyrannos.

Pois se a circumstancia de estrangeiro não foy impe-

dimento para a purpura de Rey , e coroa de Imperador, para o magisterio dos Principes , e nobreza , e para as dignidades de hum Imperio tal como o Romano , como são excluidos por huma ley os estrangeiros das nossas Academias ? Se ainda não estais convencidos , ouvime mais algum tempo , e seja embora com paixão.

Dizeime : Não sois vós os mesmos, que contra os costumes, que bebestes com o primeiro leite, fazeis tudo pelo arbitrio, pelo gosto, e pela moda dos estrangeiros? Como dandolhe vós o mayor lugar de mestres, conselheiros, e juizes, lhe negais o menor de collegas, e condiscipulos? Se isto he acerto nas casas, como he erro nas Academias? Dizeime mais: Não se aprende hoje entre os mininos fidalgos primeiro a lingua Franceza que a Latina, sem se advertir que o dominio das linguas he final do dominio das naçoens? Porque he a nossa lingua dominante em toda a Asia? Porque era a lingua Grega entre os Romanos, o que foy depois a Latina entre os Europeos? Vós não approvais que se leyaõ primeiro as traducçoẽs Francezas que os Autores Latinos preferindo as copias aos originaes do engenho, quando seria sacrilegio contra a arte fazer o mesmo na da pintura? Vós não apeais do Pegafo, não desterrais do Parnafo, e não malquistais com as Musas toda a familia illustre dos Poetas Hespanhoes, para que o seu theatro ceda ao dos Francezes, e o que he mais, não pertendeis com injuria de Apollo que excedaõ as tragedias de Racine, e Corneille ás de Euripedes, e Sophocles? Não padecem a mesma afronta, que as scenas destes autores, os pulpitos, em que fallavaõ Vieyra, e Sá, por lhe antepordes na eloquencia sagrada Flechier, e Bourdaloué? Logo como não são dignos da vossa sociedade os que são mercedores do vosso respeito? Como faltais com huma cortezia a quem dais huma adoração? Como negais a igualdade do lugar em hum assento, quando offereceis o mais

superior em huma cadeira? Duvidais de ouvir o voto de quem tomais o conselho, e seguis as direcçoens? Oh quem me dera nesta occasião ter a facundia de Demosthenes, e Cicero, para vos defender das vossas incoherencias no tribunal dos sabios. Vede que o Senhor Rey D. Joaõ o III. de gloriosa memoria, pela ter taõ viva dos homens eruditos, chamou a muitos estrangeiros para ensinarem nas escolas deste Reyno, e que a Diogo Sigeo deveraõ muito favor as artes naquelle seculo. O mesmo fez Francisco I. nas Universidades de França, e por isso ambos intitulados pays, e restauradores das letras. Os Romanos, que deraõ leys ao mundo, primeiro as mandaraõ pedir a Athenas, e estas faõ as famosas das doze Taboas. O privilegio de Cidadão Romano tambem se concedia aos estrangeiros, como se prova com a oraçaõ, que fez Cicero pro Archia Poeta. Finalmente as Academias da Europa estaõ sempre aggregando a si os sabios de todas as naçoens, sem repararem nas patrias, em que nasceraõ, senão nas ciencias, em que tem florecido. Nem me consta, Senhores, que a Academia, em que ensinou Plataõ, que o Lyceo, em que dictou Aristoteles, que a Stoa, em que explicou Zenon, que a Synofarge, em que leo Antisthenes, tivessem semelhante ley á nossa. Queremnos os estrangeiros por seus collegas, e nós naõ os queremos por nossos socios, quando elles nos admittem á sua companhia por benevolos, e nós os aceitamos na nossa por agradecidos. Lembraivos que manda Seneca ao Filosofo que naõ obre nenhuma cousa, que seja notavel, por naõ incorrer na censura de outros homens. E que diria este mestre dos costumes para evitar a critica dos sabios? Diria, se fosse vivo neste tempo, e recebido nesta Academia, que reparasseis nas honras, que fizeraõ a Miguel Angelo, e Ticiano Carlos V. e Francisco I. Pois que tem que ver a arte com a ciencia, o pano com o papel, as tintas com a tinta, as linhas com os caracteres,

res, o pincel com a penna, as feições com as perfeições, em fim o corpo com a alma. Atalhay que se diga desta ley o que se já disse das de Draco, que eraõ escritas mais com fangue, que com tinta. Além de que a ley manda o justo, e prohibe o vicioso, e qual he a virtude, e o vicio, que se ha de abraçar, e fugir na observancia desta ley? Lembraivos que os mayores legisladores admittiraõ nas suas epicheyas, e privilegios, e baste por todos o exemplo de Seleuco com Antioco : já que este naõ he odioso para a nossa patria, sennaõ favoravel para as alheyas, recebey na vossa sociedade os estrangeiros, e para que naõ cedais ao meu voto, mas vos conformeis com o parecer, e sentimento do mayor mestre, do mayor orador, do mayor politico, e do mayor Academico, vos repetirey estas palavras, que saõ juntamente de hum pay da eloquencia, e da patria: *Recte etiam à Theophrasto est laudata hospitalitas; est enim, ut mihi videtur, valde decorum patere domos hominum illustrium illustribus hospitibus, idque etiam reipublicæ est ornamento, homines externos hoc liberalitatis genere in urbe nostra non egere.*



tor, o pinoel com a penna, as letras com as
 em um o corpo em a alma. A talha que se digna
 o que se a hula das da D... que as
 fague que era tita. Aham de que se manda o
 prohibe o violo e qual de a v... e a v...
 de a m... e fugir na ob... e a v...
 que os maiores leg... e a m...
 y u e p... e a m... e a m...
 com a... : e que esse na e...
 tra, tena favoravel para as... e a v...
 f... e a m... e a m...
 men vo... mas vos conformeis com e p...
 mento do m... e a m...
 f... e a m... e a m...
 tra que se... e a m...
 p... e a m... e a m...
 ta; e... e a m... e a m...
 de m... e a m... e a m...
 h... e a m... e a m...
 l... e a m... e a m...



I... e a m... e a m...
 o... e a m... e a m...